

DE *STEPHEN HERÓIA* A *UM RETRATO DE UM ARTISTA QUANDO JOVEM*

Uma Homenagem aos Cem Anos de Publicação do Primeiro Romance de James Joyce

Albérís Eron Flávio de Oliveira¹
Joanna Angélica Borges da Silva²

Resumo

Entre *Stephen Herói* e *Um Retrato de um Artista quando Jovem* há condensações e omissões – escolhas feitas por James Joyce na construção de um romance reconhecidamente autobiográfico. Se de um lado temos um material que fora parcialmente perdido e sobreviveu crivado por características documentais, por outro, temos um texto que está, preferencialmente, envolto em uma atmosfera ficcional – mas que não pode se livrar das marcas que a realidade impôs ao seu autor. *Um Retrato de um Artista quando Jovem*, ou simplesmente *Um Retrato*, publicado em 1916, é, pois, o primeiro romance de James Joyce – e, portanto, está então completando cem anos desde a sua publicação – e reconhecidamente autobiográfico. O texto demarca um novo momento para o romance europeu no início do século XX. Nele encontraremos as marcas que fizeram de Joyce um gênio da Literatura Mundial. Este artigo pretende contribuir destacando algumas categorias que consideramos relevantes para o entendimento de toda a obra de Joyce, em especial o próprio romance em questão. Para embasarmos nosso entendimento, destacamos Tyndall (1963), Burgess (1978), Ellmann (1983), Pritchard (2001), Brandão (2008), entre outros.

Palavras-Chave: Artista, Retrato, Publicação, Homenagem

Abstract

Between *Stephen Hero* and *A Portrait of the Artist as a Young Man* there are condensation and omissions - choices made by James Joyce when built a recognizably autobiographical novel. If we have, in one hand, a material that had been partly lost and survived riddled by documentary features, on the other, we have a text that is preferably wrapped in a fictional atmosphere - but it can not get rid of the marks that reality imposed on its author. *A Portrait of the Artist as a Young Man*, or simply *A Portrait*, published in 1916, is therefore, the first novel written by James Joyce – and we celebrates it's a hundred-year publication – and admittedly autobiographical. The text marks a new moment for the European novel in the early twentieth century. In its plot we find some brands that made Joyce a genius of World Literature. This paper aims to add information about the novel emphasizing some categories that we consider relevant to the understanding of

¹ Graduado em Letras com habilitação em Línguas portuguesa e Inglesa (1997), especialista em Literatura comparada (2008) e em Educação de Jovens e Adultos (2011). Mestre em Literatura Americana pela UFRN e doutorando em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. É professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Email: eronflavio@hotmail.com.

² Graduada em Letras (2005) e Pedagogia (2004), especialista em Literatura comparada (2008). É coordenadora pedagógica do Colégio Salesiano Dom Bosco, em Parnamirim, cidade do Rio Grande do Norte. Email: Joaninhaangelica@hotmail.com.

all the work of Joyce, especially the narrative in question. We have embased our musings highlighted by Tyndall (1963), Burgess (1978), Ellmann (1983), Pritchard (2001), Brandão (2008), among others.

Key-words: Artist, Portrait, Publication, Celebration

1. INTRODUÇÃO

Este ano *Um Retrato de um Artista quando Jovem*, o primeiro romance de James Joyce, completa cem anos de sua publicação. A sua aparição se deu exatamente depois da publicação do *Dublinenses*. *Um Retrato de um Artista Quando Jovem* – doravante *Um Retrato* – é, sem dúvidas, um texto marcante que definitivamente coloca Joyce na esteira dos grandes romancistas. O objetivo deste artigo, portanto, além de demonstrar alguns traços desse importante romance e de pautar com destaque o início da carreira de romancista de Joyce, é homenagear o autor, oferecendo a comunidade brasileira uma leitura de uma das mais intressantes obras da literatura mundial.

É verdade que, em geral, Joyce é mais conhecido pela escrita de *Ulisses*, seu segundo romance. Sabe-se também que *Ulisses* se constrói a partir de uma analogia desenvolvida pelo seu autor com a obra de Homero, *A Odisseia*. O enredo de *Ulisses* nos informa a respeito da importância das coisas simples do cotidiano, livres de grandes reconhecimentos sociais³ - como sabemos. *Um Retrato de um Artista quando Jovem*, por outro lado, não é sustentado por nenhuma analogia, necessariamente. O que se sabe é que existe, muito clara e propositadamente na sua narrativa, a forte presença de Ovídio⁴. Nesse sentido Ovídio nos empresta a sua ideia de labirinto e,

³ É sabido que há outras analogias diretas em *Ulisses* que ajudam na sustentação do romance, além da de Homero, mas que não cabe neste estudo citar.

⁴ Públio Ovídio Naso, conhecido como Ovídio nos países de língua portuguesa, nasceu em Sulmona em 20 de março de 43 a.C. e morreu em Constança, na Romênia, no ano de 18 d.C. *Metamorfoses* - uma de suas obras mais famosas – é um poema narrativo do ano 8, d.C cuja estrutura de constitui-se de 15 livros com cerca de 250 narrativas dispostos em doze mil versos em latim. Seus temas vão desde a cosmologia até a história do mundo. Contemporâneo de Horácio e Virgílio, Ovídio deu novo acabamento literário aos mitos gregos – que haviam sido aproveitados pelo Império Romano quando esse conquistou a Grécia – e entre eles as figuras de Dédalo e de Ícaro e a do labirinto estão presentes.

especialmente, a referência ao voo de Dedalus e de Ícaro, voo em direção à luz, em direção ao sol, uma espécie de fuga – ainda que suas empreitadas tenham sido parcialmente frustradas⁵. Quem ler Ovídio verá que Stephen Dedalus se encaixaria tranquilamente na obra do famoso grego.

É sabido, também, pelos leitores de Joyce que *Ulisses* é um romance em continuação a *Um Retrato*, desse modo, uma sequência de sua narrativa. É Ovídio, portanto, que pode indicar o ritmo e a estrutura do primeiro romance de Joyce.

Um retrato foi escrito por James Joyce e publicado nos Estados Unidos por B.W. Huebsch, em dezembro de 1916. O livro já havia aparecido, entretanto, anteriormente, em uma forma seriada no começo de 1914, mais precisamente no mês de fevereiro⁶. O livro deixou uma profunda impressão em seus leitores daquela época⁷.

Especial como os grandes romances, *Um retrato* demonstra singularidades nunca antes vista na literatura mundial – que lhe era contemporânea. Segundo O’Shea, que escreve na apresentação de *Stephen Heroi*, publicado pela editora Hedra e citado na bibliografia no final deste estudo, a sua originalidade não cabia em qualquer tipologia ou nomenclatura de categoria ou classe, até então experimentada. O fato é que críticos que se debruçaram sobre o texto de Joyce tiveram dificuldades em analisá-lo em um primeiro momento de acordo com as categorias de análise existentes até então⁸.

Também segundo Tyndall (1963), *Um retrato* influenciou muitos escritores que vieram surgir depois de Joyce. Para ele, a essência de verdade que existe no texto aliada à proposta autobiográfica de seu enredo são pontos que chamam, definitivamente, atenção na obra do escritor Irlandês. Escritores renomados da época em que o livro foi publicado – Ezra Pound, T. S. Elliot, Thomas Wolfe e F.

⁵ O contexto de Stephen Dedalus em *Um Retrato de um Artista quando Jovem* também é cheio de problemas e frustrações.

⁶ Publicado no jornal *The Egoist*, da senhora. Harriet Shaw Weaver.

⁷ O herói do romance, Stephen Dedalus foi, talvez, o personagem da literatura mais conhecido da primeira metade do século XX, por exemplo.

⁸ O enredo, o ponto de vista dos personagens, o modelo de narrativa em determinado momento e a linguagem utilizada, entre outros.

Scott Fitzgerald – fizeram grandes elogios à obra. Depois disso, muitos ensaios foram escritos na tentativa de compreender a qualidade da estrutura de *Um retrato*.

Os tópicos explorados por Joyce no enredo de *Um retrato*, as suas construções e as suas técnicas exigiram, por exemplo, dos críticos de sua época um esforço maior para compreender e tornar possível a obra para um leitor comum. Dos arquétipos ao rico simbolismo presentes no texto; das epifanias aos mitos nele encontrados – e até a possibilidade de pontos de vista diversos dos personagens –, Joyce cativou a atenção do público e, em consequência disso, se tornou assunto nos salões da Europa do início da metade do século XX (PRITCHARD, 2001). Com efeito, Stephen Dedalus, o principal personagem do enredo, passou a ocupar lugar de destaque nas principais conversas literárias da época.

Para os que estudam a obra, dizer que *Um Retrato* é um romance autobiográfico não é, necessariamente, dizer que o seu herói, Stephen Dedalus, é James Joyce – ou ainda que James Joyce esteja literalmente recontando eventos de sua própria história no romance. Na verdade, experiências de Joyce na sua mocidade na cidade de Dublin equivalem, em potencial, a boa parte dos eventos descritos em *Um Retrato*. O grande ponto no romance foi – e é! – o fato de ele ter trazido eventos do seu cotidiano até o nível da arte. Nisso há consenso.

Na verdade, Joyce utilizou passagens de sua vida com um propósito ainda maior do que simplesmente um registro de dados: ele queria formar um personagem que pudesse escapar dos eventos mundanos. O seu desejo era o de criar algo belo o suficiente e tornar a figura de um jovem artista em algo universal – fazendo dele alguém que se esforça para superar – estando, literalmente, acima de todas as dificuldades impostas pelo mundo.

Um Retrato foi escrito na tradição do “Bildungsroman”, um termo em alemão que traduz-se exata e literalmente como “um romance de desenvolvimento”. Esse tipo de romance era muito popular no final do século XIX, como se pode ver em romances como *The Way of all Flesh* de Samuel Butler, *Clayhanger*, de Arnold Bennet, *Of Human bondage*, de W. Sommerset Maugham e *The Longest Journey*, de E. M.

Foster. *Um Retrato* também se insere na tradição do “Kunstlerroman”, um romance que é escrito levando-se em consideração o desenvolvimento artista⁹.

Mas, antes de entrar no enredo do romance, antes de falar das técnicas e de algumas categoriais presentes no corpo do texto, consideramos dizer que *Um retrato* foi engendrado a partir de *Stephen Hero*, um manuscrito desenvolvido por Joyce e que quase se perdeu em circunstâncias dignas de serem lembradas. Esse manuscrito¹⁰ – *Stephen Hero* – é, portanto, a base para a existência exitosa de *Um Retrato*. Sigamos ao que podemos dizer sobre ele, então.

2. SOBRE *STEPHEN HERO*

Em 7 de janeiro de 1904, James Joyce escreve no decorrer de um único dia um conto ou ensaio autobiográfico cujo conteúdo mescla admiração e ironia. Por sugestão do irmãos três anos mais jovem, Stanislaw, Joyce intitula o texto “Um retrato do artista” e o envia aos editores da recém-criada revista *Dana*. Por meio de um processo que levaria cerca de uma década, o conto seria transformado em *Stephen Herói*, obra bastante extensa, posteriormente enxugada em sua versão final sob o título de *Um Retrato de um Artista quando Jovem* (ELLMANN, 1983, p. 149).

Antes de receber o título de *Um Retrato de um Artista quando Jovem* o manuscrito *Stephen Herói* foi rejeitado vinte vezes por editores locais – era óbvio que Joyce queria publicá-lo. Mas, ao ser devolvido pela última vez, Joyce, irritado, o atirou ao fogo. Queria se desfazer dele – havia se decepcionado. Mas foi a sua irmã Eileen, entretanto, que o resgatou da lareira – boa parte do manuscrito tendo sido totalmente queimada na ocasião. Do manuscrito desenvolvido em estilo marcadamente autobiográfico, contendo, em sua forma original, cerca de mil páginas (JOYCE, 2012), sobrou menos da metade das páginas, portanto.

⁹ No caso, o romance lida, diretamente, com o desenvolvimento de um personagem, desde os seus dias de infância, passando pelos dias de adolescente e adulto, com possibilidade de chegar até a maturidade (TYNDALL, 1963).

¹⁰ O manuscrito consta no acervo da universidade de Harvard, que também detem os acervos das bibliotecas de Yale e Cornell. O manuscrito existe conforme deixado originalmente por Joyce, com suas devidas correções (JOYCE, 2012, p.12).

Independentemente das páginas que se perderam, o que se tem hoje intitulado de *Stephen Herói* – baseado no manuscrito que ainda existe do mesmo modo como foi retirado do fogo – ainda apresenta uma certa unidade, além de reconhecida riqueza de detalhes (JOYCE, 2012, p.8). No seu enredo, Joyce narra os episódios topicalizando a figura de um “herói” chamado Stephen Dedalus – para muitos, ele mesmo.

Para estudiosos de Joyce, como Pritchard (2001), o que se pode dizer é que, nele, Joyce destaca o seu próprio – de Stephen Dedalus – conflito com a igreja e com a família. A sua atitude crítica perante o nacionalismo irlandês, além de sua incursão na sexualidade, da sua defesa da individualidade e da arte, também estão presentes no texto¹¹. Esses pontos estão presentes em *Um Retrato*, o primeiro romance de Joyce e objeto deste estudo. Assim, aquilo que está registrado em *Um Retrato* – quando o lemos hoje – foi retirado de *Stephen Herói*, um texto maior e, completamente, mais explicitado.

Joyce teve que condensar episódios. Para se ter uma ideia de como Joyce fez isso, podemos citar situações semelhantes entre os dois textos, entretanto, em *Um Retrato*, condensadamente. Senão, vejamos:

Em um texto (*Stephen Herói*) pode-se ler a precária situação econômica da família de Joyce – em franca perda de status social – que é corroborada pela presença física de uma série de caminhões de mudança e ameaças de despejo. No outro (*Um Retrato*), a mesma experiência é sintetizada num único episódio no qual Stephen Dedalus tão somente chega em casa e ouve dos irmãos a notícia de que a família está em busca de um novo domicílio. Em um texto (*Stephen Herói*) a famosa teoria estética de Stephen aparece mais bem detalhada. No outro (*Um Retrato*), a teoria é dogmaticamente exposta a Lynch, e Stephen Dedalus parece estar tão convicto delas que pouco importa o consenso em torno dela. Stephen se posiciona

¹¹ O fragmento retrata personagens e incidentes que nem sempre constam da versão final e descreve o desenvolvimento da mente de Stephen de maneira bem mais direta e menos elíptica do que ocorre em *Um Retrato*.

ativo e acima de qualquer discordância (JOYCE, 2012, p.9)¹². Em *Stephen Herói* a definição de epifania - aquele momento que aparentemente é trivial e que pode tornar-se decisivo no desenrolar da vida dos personagens¹³ - também aparece de modo bastante marcante, exigindo, inclusive, um posicionamento do seu leitor diante dela. Diferentemente de em *Um Retrato*, esse assunto é, praticamente, somente apresentado. Em *Um Retrato*, amigos – Cranly, Madden, Lynch e McCann – são apresentados como seres que habitam a mente de Stephen. Já em *Stephen Herói* os amigos são claramente identificados e compartilham seus pensamentos chegando a discuti-los¹⁴. Em *Um Retrato*, portanto, os amigos são meros ouvintes das ideias de Stephen Dedalus (JOYCE, 2012, p.10).

É importante dizer que James Joyce escreveu *Stephen Herói* logo depois que concluiu *Dublinenses*. Alguém pode se admirar pelo fato de o autor ter sido capaz de saltar de contos como *Graça* e *Os Mortos* para uma frieza quase documental¹⁵. Certo é que o leitor comum de *Um retrato* encontrará muitos pontos em comum com *Stephen Herói*, de qualquer maneira – como foi mais acima enfatizado.

Mas, o ponto mais relevante na escritura de *Um retrato* é, talvez, a habilidade apresentada por Joyce em recriar um texto – isso porque, se *Um Retrato* for considerado um mundo bem organizado, por exemplo, *Stephen Herói* pode ser considerado caótico, apesar de sua unidade. Bom mesmo é saber que, de qualquer maneira, *Stephen Herói* ilumina consideravelmente detalhes encontrados em *Um retrato*.

Há ainda, e que sirva de considerável registro –, apesar das inúmeras passagens idênticas encontradas em ambos os textos –, trechos que Joyce deixou de

¹² Em *Stephen Herói*, a teoria é algo tão importante que ele, em vez de apresentá-la informalmente a um amigo, a postula na forma de um ensaio cuidadosamente pensado e redigido (JOYCE, 2012, p.9).

¹³ Outro exemplo do que se pode achar, escritos de maneira diferente em ambos os textos, e a presença pouco dramática da mãe de Stephen em *Um Retrato* se compararmos com a mesma presença em *Stephen Herói*: há aqui um grande tensão entre o amor do filho e a sua descrença na igreja católica, o que não aparece com esse peso no outro.

¹⁴ Joyce descreve a aparência e as ideias dos rapazes, que possuem realidades independentes – a exemplo dos personagens em *Dublinenses*.

¹⁵ *Stephen Hero* tem mais a aparência de um documento do que de uma obra literária como um conto ou um romance. O que sobrou de *Stephen Herói*, hoje, serve como uma espécie de rodapé para estudiosos da obra de Joyce. Segundo Tyndall (1963), ali sentam e estudam – como paleontólogos fazem em suas escavações e análises de fósseis – em forma de consultas, muitas vezes.

fora. Dados como a morte da irmã de Stephen e as visitas a Mullingar – um padre de grande importância para Stephen – são exemplos nesse sentido¹⁶. Em todo caso, o que parece, o que continua, é aquilo que para ele, Joyce, foi extremamente essencial para ajudar a revelar melhor seu personagem principal, Stephen Dedalus. É bom dizer que a existência de Stephen Dedalus parece ser condicionada por uma permanente solidão, o que acaba moldando também o seu caráter, Stephen a cada página do romance vai se tornando um jovem extremamente orgulhoso¹⁷ - não sem sentido, como muitos defendem.

Impressionante, também, é como fatos triviais, fatos simples, ganham sentido e significado no texto de *Um retrato*. É importante dizer também que, o ânimo autobiográfico em *Stephen Herói* é, definitivamente, ainda mais contundente do que o encontrado em *Um Retrato*¹⁸. Sobre esse assunto, desenvolveremos nosso raciocínio um pouco mais adiante.

Fato é que, em ambos os registros, podemos encontrar uma das descrições mais ricamente detalhadas a respeito do desenvolvimento de uma mente humana, ou seja, do desenvolvimento da mente de um artista (JOYCE, 2012, p.12).

Sigamos agora, mais diretamente levantando nossos olhos para o produto final do primeiro romance de Joyce – *Um retrato do artista quando jovem* – que foi engendrado a partir de *Stephen Herói*.

¹⁶ Assim também, da longa passagem e dos relatos com franciscanos permaneceu apenas uma visita de Stephen a um monge cappuccino com o objetivo de se confessar. Joyce também não cita um irmão de Stephen chamado Maurice em *Um retrato*.

¹⁷ As referências a Stephen como sendo um arrogante e egoísta – ou apenas um jovem estudioso e teórico inexperiente – se expandem para fortalecer temas caros para o enredo como o valor da vida, da própria humanidade e da caridade. São temas explorados em *Stephen Hero*, quando de uma conversa que ele – Stephen – tem com um monge, Mr. Heffernan of Mullingar. Na ocasião o monge sugere que o jovem Stephen entenda a importância de tudo isso a partir do aspecto religioso, o que Stephen prontamente rejeita (TYNDALL, 1963).

¹⁸ Vale aqui ainda o registro de que Joyce havia pensado em outro título para *Um Retrato*. Em conversas com Stanislaw – seu irmão –, ele confessou ter pensado também em *Capítulos na vida de um Jovem*.

3. O ENREDO DE *UM RETRATO DE UM ARTISTA QUANDO JOVEM*

Um retrato do artista quando jovem – como dissemos anteriormente, *Um Retrato*, primeiro romance de James Joyce – trata, em seu enredo, do despertar intelectual de um dos personagens literários mais célebres da literatura: Stephen Dedalus – como se pode ler, o nome já é carregado de simbolismo e sentido.

De alguma maneira autobiográfico, o livro conta o processo de transição de um jovem em direção à maturidade e ao (auto)conhecimento. Stephen Dedalus – principal personagem da história –, deseja profundamente ser um artista, mas precisa vencer as forças que reprimem a sua imaginação – sejam elas as convenções da Igreja Católica, da escola ou da sociedade, por exemplo. E isso não é fácil.

Um detalhe importante que coloca o livro na vanguarda da literatura é que, nele, Joyce já começa a apresentar o uso sistemático do fluxo de consciência e do monólogo interior. Um ponto de relevante destaque é que em algumas partes do romance o leitor é introduzido na mente de Stephen Dedalus e convidado a acompanhar seus pensamentos, suas reações e os processos psíquicos que se dão em sua consciência. Esse é, sem dúvida, um dos exemplos mais marcantes em relação à técnica narrativa do fluxo da consciência já editado na literatura.

Um Retrato também reflete a profunda relação de amor e ódio que o autor, James Joyce, manteve durante toda a vida em relação à sua terra natal, Dublin e com a cultura que o formou. No final da história, Stephen Dedalus já está se encaminhando para a universidade – final de sua adolescência e começo de sua vida adulta.

A sua caminhada não para em *Um Retrato*, entretanto. Stephen Dedalus seguirá e será o principal personagem da primeira parte do segundo romance de James Joyce – *Ulisses*. Ali, ele já será um jovem adulto, portanto, cheio de intenções e planos, tecendo a sua teoria de um verdadeiro artista, tomado de sonhos.

Um Retrato apresenta um mundo compacto, bem definido, o resultado de um processo evolutivo, porém, bem marcado por tentativas e erros. Ele é,

definitivamente, a parte que sobreviveu de *Stephen Herói*, com já foi dito. É o relato da vida de Stephen Dedalus, da infância até os anos na universidade – o *University College* de Dublin.

4. ALGUMAS CATEGORIAS PRESENTES NO CORPO DO TEXTO

A fim de conseguir êxito em seu primeiro romance e apresentar algo que pudesse posicionar a escrita de textos narrativos em um plano especial, James Joyce empregou técnicas e habilidades literárias singulares para sua época a fim de alcançar uma maior profundidade e uma maior significação para seu romance.

Combinações entre simbolismos, pontos de vistas diferentes e epifanias, associadas a mitos e arquétipos com pano de fundo presente no imaginário de seus leitores, além de linguagem singular e, até certo ponto, inovadora, fizeram de *Um Retrato* um texto marcante no universo da literatura europeia – e porque não dizer mundial.

Dos destaques citados para este estudo, podemos apresentar algumas passagens, com intuito de exemplificar o que aqui defendemos – marcadamente algumas categorias do livro que elencamos. Sendo assim, vejamos alguns destaques encontrados no enredo.

4.1 MITO, ARQUÉTIPO E SIMBOLISMO

O nome do jovem artista – Stephen Dedalus –, por exemplo, nos dá uma importante pista para um dos mais significantes elementos em *Um Retrato*. O nome “Dedalus” identifica-se diretamente com a grande figura da mitologia grega que construiu o labirinto do rei Mino e que também fez as tais maravilhosas asas, coladas com cera, e com as quais ele se utilizou para escapar de uma punição. Já o nome “Stephen” – equivalente a Estevão –, pode se identificar com o primeiro

mártir cristão, como descrito no livro de atos dos apóstolos, em seu capítulo sete. Essas escolhas de Joyce têm motivos que impressionam.

Para iniciar uma possível compreensão desses motivos – na escolha do nome do principal personagem do enredo de *Um Retrato* –, segue uma breve apresentação do contexto no qual Joyce adentra para, de lá, retirá-lo e incorporá-lo à sua obra. O primeiro nome Stephen – Estevão – é retirado a partir de uma passagem no livro sagrado dos cristãos – a Bíblia – e descreve o relato do apedrejamento do jovem mártir. A passagem pode ser encontrada entre os versos cinquenta e quatro e sessenta da bíblia citada na bibliografia deste estudo.

⁵⁴ Ouvindo isso, ficavam furiosos e rangiam os dentes contra ele.

⁵⁵ Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, levantou os olhos para o céu e viu a glória de Deus, e Jesus de pé, à direita de Deus,

⁵⁶ e disse: "Vejo o céu aberto e o Filho do homem de pé, à direita de Deus".

⁵⁷ Mas eles taparam os ouvidos e, gritando bem alto, lançaram-se todos juntos contra ele,

⁵⁸ arrastaram-no para fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas deixaram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo.

⁵⁹ Enquanto apedrejavam Estêvão, este orava: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito".

⁶⁰ Então caiu de joelhos e bradou: "Senhor, não os consideres culpados deste pecado". E, dizendo isso, adormeceu (NOVO TESTAMENTO, 2007).

Foi por esse motivo – do apedrejamento – que Estêvão é sempre lembrado como o primeiro mártir da igreja cristã. O nome dele aparece apenas cerca de dez vezes na bíblia sendo todas elas no livro de Atos dos Apóstolos. Embora o tempo dedicado a ele na bíblia tenha sido pouco, a importância de sua vida não pode ser subestimada. Ele é um arquétipo dos cristãos e referência inequívoca para dar sustentação às bases da nova igreja. Eis porque Joyce escolheu o nome de Estevão, dada a sua relevância para a Igreja¹⁹.

¹⁹ Lembrar que um dos enfrentamentos desenvolvidos por Joyce em sua obra é contra a Igreja e o seu papel político na Irlanda e na Grã-Bretanha. Seria Joyce uma espécie de Martir, perseguido, então, pela igreja Católica?

Já o nome Dedalus provém de um verbo grego cujo sentido exato é o de “confeccionar com arte” alguma coisa (BRANDÃO, 2008). Dedalus, o grande arquiteto mítico, era ateniense, da família real de Cécrops. Ele foi o mais famoso artista universal. Além de arquiteto, Dedalus era, também, escultor e inventor. Ainda segundo Brandão (2008), era a ele que se atribuíam as mais notáveis obras de arte da época arcaica, mesmo aquelas de caráter mítico.

A tradição mitológica conta que Dedalus foi exilado de Atenas sob acusação de ter matado um sobrinho. Ao chegar em Creta, ele foi colhido por Minos. Ali, Dedalus tornou-se o arquiteto oficial do rei e, a pedido deste, construiu um labirinto – o gigantesco palácio de Cnossos –, com um emaranhado de quartos, salas e corredores que somente Dedalus era capaz de entrar e sair – sem se perder. Foi nesse labirinto que o rei Minos colocou o Minotauro, produto da monstruosa união de Pasífae, esposa do rei, com um Touro – Poseidon o fizera sair do mar para que lhe fosse sacrificado, conforme lhe havia prometido o rei Minos (BRANDÃO, 2008). Mas, como o rei Minos não cumpriu a promessa, Poseidon fez que a esposa do rei concebesse uma paixão irresistível pelo animal. Sem saber como enganar o animal, Pasífae – a esposa do Rei Minos – recorreu às artes de Dedalus que fabricou uma novilha de bronze tão perfeita que conseguiu atrair o animal²⁰. O Rei Minos, ao saber que Dedalus a havia ajudado, castigou tanto ele quanto o seu filho – Ícaro –, os aprisionando no labirinto.

Foi nesse ponto que Dedalus construiu asas e fugiu de Creta. O relato de Ovídio conta que Dedalus conseguiu escapar e se refugiar na Sicília, terra do rei Cócalo – que viria a matar o rei Minos. Já Ícaro morreu, pois voou tão alto que o calor do sol derreteu a cera que segurava as penas de suas asas. Somente quando Teseu subiu ao trono de Atenas foi que Dedalus conseguiu retornar a Atenas, onde passou o resto de sua vida²¹.

²⁰ Dédalos também ajudou a Teseu a sair do labirinto graças ao novelo que Ariadne – filha de Minos – lhe entregou.

²¹ A melhor referência é o próprio texto de Ovídio, *Metamorfoses*, que se encontra descrito no final, na bibliografia.

Stephen Dedalus é, portanto, uma clara indicação de que ambos os nomes – o grego (Dedalus) e o cristão (Stephen) – servem como suporte para a estrutura do romance e, certamente, para contribuir na sua compreensão.

Joyce usa a técnica simbolista ao sugerir analogias mitológicas para o seu herói, desse modo enriquecendo a tessitura de seu texto. Com esses nomes – Stephen Dedalus – Joyce convoca todo um imaginário existente em tornos deles a fim de capturar o máximo de sentido para seu personagem.

Para Burgess (1968), por exemplo, as pedras que apedrejaram Estevão e que fizeram o labirinto – são as mesmas! –, contribuem para a compreensão de que a invenção do voo que o artista precisa dar para o exílio e para o universo da criação poética são evidentes no texto de Joyce, *Um Retrato*. Nele, Stephen Dedalus quer alcançar a luz e as respostas para seus questionamentos²². Eis o simbolismo, portanto.

Como se pode ver, quando lemos *Um Retrato*, percebemos que Joyce compôs o seu romance com motivos e imagens que vão se tornando cada vez mais ricas e, ao mesmo tempo, até mesmo mais ambíguas.

Como curiosidade, há ainda, no primeiro capítulo de *Um Retrato*, a existência de muitas referências às cores verde e vermelha, assim como ao frio e ao branco. Tais dados carregam em si, valores simbólicos que dão uma dimensão que podem revelar certo conteúdo do inconsciente de Stephen.

²² De alguma maneira, suas tentativas podem ser consideradas também como frustradas – como foram as de Ícaro, filho de Dédalos. O conflito com a igreja, que Joyce carregou durante toda a sua vida, traz na figura do mártir Estevão um lugar de reflexão. A igreja católica cristã também foi fundada sobre o sangue dos mártires. A escolha de Joyce em chamar o seu herói de Stephen Dedalus revela o maneira como ele constrói o enredo em sua mente combinando o nome do primeiro mártir cristão com um nome grego, pagão. Nessa construção, Joyce une dois arquétipos de maneira tal que ambos parecem neutralizados. Entretanto, a força dos dois nomes juntos evoca ricas associações que podem variar de leitor para leitor.

4.2 EPIFANIAS

Talvez as epifanias²³ sejam a parte mais debatida e o termo mais amplamente discutido em toda a ficção de James Joyce. Os efeitos das epifanias – aquele momento em que a natureza ou essência de uma parte da experiência é completamente compreendida e apreendida – têm sido apresentados em uma grande variedade de possibilidades.

Uma boa série de seguidas epifanias acontece na primeira parte da segunda cena do capítulo 2 de *Um Retrato*. Destaco abaixo um exemplo delas – considerando haver algumas outras, na mesma sequência, entretanto.

Certa manhã duas carroças amarelas pararam diante da porta; e uns homens entraram com grandes ruídos casa adentro, para desmontar os móveis que foram sendo acumulados no jardinzinho da frente, que ficou cheio de feixes de palha e pedaços de corda, sendo, depois, transportados para dentro dos imensos carroções parados no portão. Depois que tudo foi arrumado, as andorinhas se puseram em marcha, fazendo um barulhão, pela avenida abaixo; e da janela da carruagem da estrada-de-ferro, na qual estava sentado com sua mãe que tinha os olhos vermelhos, Stephen as tinha visto galgar com dificuldade a estrada para Merrion.

O fogo da sala não queria puxar essa noite e o Sr. Dedalus descansou o atiçador contra as barras da lareira para atrair a chama. Tio Carlos cochilava a um canto da sala sem tapete e quase sem móveis; perto, apoiados de encontro ao rodapé das paredes, estavam os quadros da família. A lâmpada de sobre a mesa derramava uma luz frouxa sobre as tábuas do assoalho que os pés dos carregadores tinham emporcalhado. Stephen estava sentado num mocho ao lado do pai, escutando um comprido e incoerente monólogo. Entendeu pouco ou nada dele, no começo; mas acabou ficando certo de que seu pai tinha inimigos e que qualquer luta iria se dar. Sentiu, também, que estava conclamado para essa luta e que determinada obrigação caía sobre os seus ombros. A súbita fuga do conforto e do devaneio de Blackrock, a passagem através da cidade nevoenta, a lembrança da casa desnuda e monótona em que tinham agora que viver tornaram pesado o seu coração; e de novo uma intuição, um pressentimento do futuro lhe veio. Compreendeu também por que a criadagem havia tanta vez cochichado junto, no vestibulo; e por que ficava seu pai tantas vezes rente à lareira, de costas para o fogo,

²³ Epifania é um termo de origem grega e quer dizer “manifestação divina”. Epifania é também uma palavra forte na história do cristianismo; é o episódio pelo qual, aos pastores, é revelada a natureza messiânica do menino Jesus, nascido na manjedoura.

conversando ruidosamente com tio Carlos que insistia com ele para se sentar e comer seu jantar (JOYCE, 1971, p.64-65)²⁴.

É notória a revelação que chega até Stephen sobre a situação de sua família. A ele, apesar de muito jovem, o mundo se faz conhecido de uma maneira distinta da que estava acostumado. Stephen sabia então que daquele teria que enfrentar muitos obstáculos em sua vida a fim de sobreviver. Seu pai, figura importante, estava em processo de bancarrota e aquilo tinha consequências difíceis para ele.

Talvez, uma passagem bem conhecida – e que também desenha bem o sentido de uma epifania – é a que aparece no final do capítulo quatro, logo após a desistência de Stephen em se tornar padre²⁵.

E, então, a sombra da vida do colégio passou gravemente por sobre a sua consciência. O que o esperava era uma vida grave, ordenada e sem paixão, uma vida sem cuidados materiais. Perguntou a si mesmo como iria passar a sua primeira noite de noviciado e com que pasmo iria acordar na manhã seguinte, em pleno dormitório. O incômodo odor dos compridos corredores de Clongowes veio-lhe outra vez; e ouviu o discreto murmúrio das chamas dos bicos de gás. Imediatamente, de todas as partes do seu ser um desassossego começou a se irradiar. Um aceleração febril do seu pulso seguiu-se a isso; e um tumulto de vozes sem sentido dirigia confusamente, para aqui e para acolá, seu raciocínio. Seus pulmões dilatavam-se e sufocavam como se estivessem inalando um

²⁴ “Two great yellow caravans had halted one morning before the door and men had come tramping into the house to dismantle it. The furniture had been hustled out through the front garden which was strewn with wisps of straw and rope ends and into the huge vans at the gate. When all had been safely stowed the vans had set off noisily down the avenue: and from the window of the railway carriage, in which he had sat with his red-eyed mother, Stephen had seen them lumbering along the Merrion Road. The parlour fire would not draw that evening and Mr Dedalus rested the poker against the bars of the grate to attract the flame. Uncle Charles dozed in a corner of the half furnished uncarpeted room and near him the family portraits leaned against the wall. The lamp on the table shed a weak light over the boarded floor, muddied by the feet of the van-men. Stephen sat on a footstool beside his father listening to a long and incoherent monologue. He understood little or nothing of it at first but he became slowly aware that his father had enemies and that some fight was going to take place. He felt, too, that he was beinlisted for the fight, that some duty was being laid upon his shoulders. The sudden flight from the comfort and revery of Blackrock, the passage through the gloomy foggy city, the thought of the bare cheerless house in which they were now to live made his heart heavy, and again an intuition, a foreknowledge of the future came to him. He understood also why the servants had often whispered together in the hall and why his father had often stood on the hearthrug with his back to the fire, talking loudly to uncle Charles who urged him to sit down and eat his dinner (JOYCE, 2012, 73-74)”.

²⁵ Não é possível entender a tensão entre a impotência e a paralisia, a libertação e o êxtase em *Um Retrato* se não se entender o conceito de epifania – retirado da religião. É Stephen Dedalus que, vagando com seus grillhões pelos labirintos da culpa e da inação – bem longe dos outros –, que passa por momentos excepcionais de existência.

ar viciado insuportável; e sentiu de novo o cheiro quente e viciado que pairava nos banheiros, em Clongowes, por cima da água parada, cor de turfa.

Um instinto qualquer, que essas recordações acordaram, e mais forte do que a educação ou a piedade, acelerava-se dentro dele ante a aproximação a esta vida, um instinto agudo e hostil, que o armava contra a aceitação. O frio e a ordem dessa vida repeliavam-no (JOYCE, 1971, p. 151-152)²⁶.

A passagem descreve o momento em que Stephen decide não seguir o convite para seguir os dogmas da igreja como um padre. A atmosfera eclesiástica lhe parece incontestavelmente negativa. Iria ele, daquele ponto em diante, buscar sua vida longe dos muros da igreja.

O fato é que, ainda que no final, tudo acabe se dissolvendo na normalidade da vida – quando o momento epifânico se esvai –, a realidade passa a adquirir um valor diferente. A epifania, esse momento de revelação, é uma espécie de êxtase, um fato digno de ser retido na memória de um sujeito.

Sem sombras de dúvidas, cada uma dessas cenas revela a Stephen uma natureza essencial da realidade que se lhe apresenta e que se dá além do significado físico²⁷.

Assim, a respeito das epifanias podemos dizer: (1) trata-se de um incidente que é diferente de outros incidentes da história, no sentido de que ele ilumina e acaba fechando e integrando todos os demais em forma de um bloco. (2) James Joyce é uma espécie de mágico das epifanias uma vez que ele se comunica com os outros significados de sua experiência. A epifania é o resultado do que acontece

²⁶ “The shadow, then, of the life of the college passed gravely over his consciousness. It was a grave and ordered and passionless life that awaited him, a life without material cares. He wondered how he would pass the first night in the novitiate and with what dismay he would wake the first morning in the dormitory. The troubling odour of the long corridors of Clongowes came back to him and he heard the discreet murmur of the burning gasflames. At once from every part of his being unrest began to irradiate. A feverish quickening of his pulses followed, and a din of meaningless words drove his reasoned thoughts hither and thither confusedly. His lungs dilated and sank as if he were inhaling a warm moist unsustaining air and he smelt again the moist warm air which hung in the bath in Clongowes above the sluggish turf-coloured water.

Some instinct, waking at these memories, stronger than education or piety, quickened within him at every near approach to that life, an instinct subtle and hostile, and armed him against acquiescence. The chill and order of the life repelled him (JOYCE, 2012, p.183).”

²⁷ É importante perceber que a compreensão instantânea desse ponto – esse *insight* – vem para o personagem Stephen através de seus sentidos.

através de um desenvolvimento de um conteúdo emocional e de várias associações possíveis, combinadas umas com as outras.

Não podemos deixar de dizer que, como uma grande epifania, o enredo de *Um Retrato* é uma sequência de detalhes arrolados de maneira simples, compartilhados de maneira simples que traz, repentinamente, uma revelação do significado moral ou espiritual que se ilumina de simbolismos, sempre através de uma nova e única perspectiva²⁸. A epifania é, nesse sentido, um processo pelo qual a realidade, a essência natural de alguma coisa, é revelada à consciência do ser humano.

4.3 AUTOBIOGRAFISMO

A questão de quanto material autobiográfico Joyce inseriu no personagem fictício de Stephen Dedalus em *Um Retrato* tem sido uma questão para debate. Estudiosos e críticos ainda produzem evidências em ambos os lados da questão, mas para a maioria, a questão tem sido amplamente resolvida através das contribuições de Richard Ellman, principal biógrafo de Joyce, e pelo irmão de Joyce, Stanislaus, que escreveu seu próprio livro sobre Joyce, *O Protetor de meu Irmão – my brother's keeper*.

Apesar das inúmeras semelhanças entre a própria infância de Joyce e a de Stephen Dedalus, Stanislaus Joyce deixa claro que Stephen Dedalus é um retrato imaginário, e não um autorretrato real de James Joyce. Detalhes significativos existem para verificar este ponto de vista, incluindo registros de Joyce na escola em Clongowes e Belvedere, assim como entrevistas gravadas com vários amigos de Joyce.

Stanislau aponta que, embora Joyce tenha seguido de perto seu próprio desenvolvimento, ele mesmo escolheu incidentes ali descritos a partir de sua

²⁸ Joyce chegou a definir suas epifanias como sendo revelações de um olho espiritual que busca ajustar sua visão a um foco específico – no momento em que o foco é alcançado o objeto é espiritualizado – ‘epifanalizado’.

própria experiência. Não há dúvidas de que ele também transformou – e inventou – muitos outros incidentes que aparecem no livro. Para exemplificar o que Stanislaw Joyce disse, citemos alguns exemplos e tiremos nossas conclusões.

O retrato de Stephen Dedalus descrito no romance como sendo fisicamente fraco, covarde, até certo ponto, vítima inocente na escola jesuíta em Clongowes, parece não proceder. Stanislaw, em contraste com esta visão de Stephen, lembra que Joyce era um estudante relativamente bem organizado e um ótimo atleta – tendo ganhado uma variedade de prêmios por suas proezas em provas com barreiras e caminhadas.

Stanislaw também lembra que Joyce era menos isolado, menos livresco, e às vezes, menos manipulável do que Stephen. No livro em que aparecem os registros dos castigos na escola em Clongowes, descobrimos que Joyce, ao contrário de Stephen, nunca levou qualquer palmada por algum incidente envolvendo óculos quebrados, mas o livro faz registro que Joyce recebeu pelo menos duas palmadas por esquecer-se de trazer um livro para a aula – e em outra ocasião, na qual ele foi castigado por usar linguagem vulgar.

Diferenças entre Stephen e Joyce também são encontradas no tratamento que Joyce dá aos amigos de Stephen – como já citado em um texto mais acima –, a maioria dos quais são claramente intelectualmente inferiores a ele. Stanislaw lembra, ao contrário, que os amigos de Joyce lhe proporcionaram estímulo mental significativo em todo o seu período de adolescência.

Ainda outra diferença entre o criador e a criação existe em relação a Joyce e seu pai. Ellman declara que em *Um Retrato de um Artista quando Jovem*, Stephen nega que Simon é, em qualquer sentido real, o seu pai, mas o próprio James não tinha dúvida de que ele era, em todos os sentidos, filho de seu pai. Stanislaw recorda o incidente em Cork exposto no romance – em que Stephen viaja com Simão a Cork. Stanislaw afirma que os sentimentos de Joyce durante a viagem eram bem diferentes. Stephen, no romance, ao contrário, aparece desgostoso com as visitas de seu pai em vários bares.

As representações ficcionais dos amigos de Joyce na universidade são apenas ficcionais. Ele mudou muitas de suas personalidades, inventou diálogos, e deliberadamente excluiu indivíduos importantes da novela. De maneira clara, Stephen Dedalus é um personagem ficcional de Joyce, a quem ele usou para expressar suas ideias na literatura.

Assim, apesar de semelhanças autobiográficas óbvias, Stephen é uma representação ficcional da arte de Joyce. Stephen existe, assim como o romance, como um exemplo da obra do autor, por trás da qual Joyce aparece invisível e, até mesmo, porque não dizer, indiferente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é possível ver, Joyce escreveu uma história sobre ele mesmo – um ser humano religioso, então renegado – que acabara de descobrir uma alma criativa a partir do sentido do que lhe fora ensinado em seus anos de estudo em uma escola católica. A história, embora somente publicada em 1916, fora escrita em 1904 – pelo menos a sua ideia remonta a essa data. Stephen Dedalus é um artista que, como tantos outros, pretende mudar o mundo.

A força de *Um Retrato* está em um desejo egoísta de guardar toda uma vida, tudo o que acontece com um personagem – Stephen Dedalus – por, simplesmente, acreditar que cada experiência é como se fosse definitivamente um dado importante para o artista. Por isso – e para isso –, Joyce escreve.

Ao conhecer a obra de Joyce é possível perceber que ele sempre quis o todo de suas coisas, completamente. Não existe nele a possibilidade de não absorver algo sem ser por completo – aspectos de uma linguagem própria também dão conta disso. Ainda que não dê para se colocar tudo que se passa em uma vida – ainda que potencialmente ele o tenha feito em *Um Retrato* –, ele é capaz de fazê-lo em pequenas porções. *Ulisses*, por exemplo, ele o fez fechando o relato completo do que se passou em um dia, *Finnegans Wake*, em uma noite.

Não há dúvidas de que em cada grande artista há o conflito entre ter que absorver o todo e desejar selecionar – e dar forma – somente o que lhe interessa. A obra de Joyce está realmente toda demarcada por esses desejos.

Em *Dublinenses*, por exemplo, Joyce conseguiu arranjar uma soma de epifanias e impor uma unidade tal que o levou a escrever em uma espécie de modelo genético – meio que cronológico mesmo –, começando dos anos da infância até a maturidade da vida adulta, mas passando pela vida adolescente e pelas implicações da vida social. Em seu mais longo Conto – *Os Mortos* –, outro exemplo, ele conseguiu unir vivos e mortos, os jovens e os mais velhos, superando o tempo e a corrupção sob o mesmo aspecto metafísico da neve – sempre presente em todas as épocas.

Para Caetano Galindo (*apud* MEDEIROS S.; AMARANTE D. W., 2012), comentando sobre um *Um Retrato*, estamos diante de um texto definitivamente maduro. Ainda que esse tenha sido o seu primeiro romance. É possível ver o modo artesanal de Joyce a partir de como ele lida com a linguagem e com categorias que advém de seu vastíssimo conhecimento de mundo.

O desafio de lidar com a construção da narrativa romanesca de forma ainda mais engenhosa e eficiente, como ele fez em especial na formação da personalidade de Stephen Dedalus, somente será alcançado por um nível superior em *Ulisses* – se assim pudermos dizer.

Quando se lê *Ulisses* perceber-se que *Um Retrato* é um componente necessário, sem o qual Joyce jamais teria sido capaz de seguir caminho na construção de sua grande obra – *Um Retrato* é uma espécie de “proto-Ulisses”, segundo Gilbert (1955). Isso porque, se *Um Retrato* nos permite experimentar os efeitos das epifanias, da linguagem, dos mitos e do simbolismo, *Ulisses* será o aperfeiçoamento disso, será o ápice do desenvolvimento da forma romanesca em todo o seu sentido – além da continuação de relatos da vida de Stephen Dedalus. A figura de Dedalus e de Ícaro não mais poderão se desprender de toda a obra de Joyce. Stephen Dedalus seguirá o seu caminho, sempre.

Para concluir, é possível ver ainda a obra de Joyce – segundo Caetano Galindo –, como uma unidade completa, da qual *Um Retrato* é apenas um capítulo: James Joyce é um dos escritores mais inevitavelmente consequentes de que se possa ter notícia. A sua obra toda constitui mais que uma mera sucessão de textos que correspondem a momentos e inquirições distintos, de tempos distintos. Segundo ele, ela forma mais que um “todo coerente” – como se pode argumentar sobre diversos artistas, em que cada parte, analisada com o benefício do distanciamento temporal e na perspectiva do “todo”. Cada obra de Joyce contribui com algo para uma unidade de ficção que traduz como um verdadeiro “projeto”, executado com um grau de aparente consciência e consequência, que não pode deixar de impressionar (MEDEIROS S.; AMARANTE D. W., 2012, p. 301).

Por isso, e por incontáveis outros motivos – que não caberiam neste estudo – é que parabenizamos Joyce pelo centésimo ano de publicação de *Um Retrato*, definitivamente uma obra que existe na base das criações joyceanas, e que já contribui na lista dos grandes romances, com o peso do seu legado.

Viva o gênio Irlandês! Viva *Um Retrato*!

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. G. **James Joyce and his world**. Great Britain: Thames & Hudson, 1978.

BÍBLIA Sagrada: Maná - Almeida Corrigida. São Paulo: Editora vida, 1997.

BRANDÃO, J.S. **Dicionário mítico-etimológico**. v.1. Petrópolis: Vozes, 2008.

BURGESS, A. **ReJoyce**. New York: W.W. Norton & Company, 1968.

ELLMANN, R. **James Joyce**. Oxford: Oxford University Press, 1983.

HARARI, R. **Como se chama James Joyce?** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

JOYCE, J. **A Portrait of the Artist as a Young Man**. Middlesex: Penguin Popular Classics, 1996.

_____. **Epifânias**. Tradução de Piero Eyben. São Paulo: Iluminuras, 2012a.

_____. **Retrato de um artista quando jovem**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 1971. Os Imortais da Literatura Universal, v.15.

_____. **Stephen Herói**. Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: hedra, 2012.

_____. **The Essential James Joyce**. London: Flamingo, 1994.

McCABE, B; GARSMEUER, A. **James Joyce: Reflections of Ireland**. New York: Macmillan Publishing Company, 1993.

MEDEIROS, S.; AMARANTE, D. W. (Org.). **De Santos e Sábios**: escritos estéticos e políticos. Trad. André Cechinel et al. São Paulo: Iluminuras, 2012.

NOVO TESTAMENTO: King James. Edição de Estudo. 1ª Ed. São Caetano do Sul: Abba Press Editora e Divulgadora Cultural Ltda., 2007.

PRITCHARD, David. **James Joyce: The Irish Biographies**. Scotland: Geddes & Grosset, 2001.

STEWART, J.I.M. **James Joyce**. London: Longmans, Green and Co., 1964).

TINDALL, W. **Y.A reader's Guide to James Joyce**. London: Thames and Hudson, 1963.